

## SAMPAIO BRUNO: O Filósofo e o Publicista

*Manuel Gama*  
Departamento de Filosofia  
Instituto de Letras e Ciências Humanas  
Universidade do Minho

1. Não foi ao acaso que José Pereira de Sampaio adoptou o pseudónimo de Bruno. Esta «pele» não passou a ser uma outra, mas a sua própria, que tão bem lhe assentou até ao fim dos seus dias. A «pele» do Bruno originário, o Giordano, extemporaneamente colocada fora da vida, foi assumida por José Sampaio e integrada no seu ser, passados quase três séculos. Não lhe fora difícil a escolha. Em plena adolescência, o inflamado artigo de Guilherme Braga, publicado no portuense *Diário da Tarde*, sobre o suplício de Giordano Bruno, fumegou na sua imaginação. Se o italiano identificara a consciência livre com a sua própria vida, o português colocará aquele ideal como uma das razões de ser da sua existência.

Desde muito cedo, talvez precocemente, o espírito de Bruno, é suscitado por ideias substanciais da vida. Primeiro, através das leituras que seu pai fazia à família, reunida na sala de jantar, nomeadamente de alguns trechos das *Confissões* de Rousseau. Depois, por circunstâncias inesperadas, pela leitura directa de obras como *Os Mistérios do Povo*, de Eugène Sue, *Os Miseráveis*, de Victor Hugo ou *A Liberdade de Consciência*, de Jules Simon.

A leitura ajudou-o, em determinado sentido, a tornar-se numa consciência iluminista, dando concretização à famosa frase de Kant quando afirma que com o Iluminismo o homem saiu da menoridade<sup>1</sup>.

A luta pela liberdade de consciência não se restringia à sua própria. É no sentido de ajudar os outros, na sua emancipação, que encetará uma tarefa de publicista, diríamos

---

<sup>1</sup> Segundo Kant, «As Luzes são o sair do homem da menoridade de que ele próprio é responsável. A menoridade é a incapacidade de se servir do seu entendimento sem que outro o dirija» - José Esteves Pereira (Apresentação, tradução e notas), «Kant e a "Resposta à Pergunta: o que são as Luzes"», em *Cultura. História e Filosofia*, Lisboa, vol. III (1984), p. 160.

militante. Aos catorze anos não se saberia no que ia dar, mas o seu primeiro artigo, publicado com essa idade, e intitulado «Sotaina. Carta aos católicos do congresso, do "Bem Público", da "Nação" e quejandos», embora percorrido de alguma fantasia, já se nota impregnado de intencionalidade.

A sua continuada colaboração em várias dezenas de periódicos, desde diários, hebdomadários até outros de mais larga periodicidade, estava embebida num espírito de missão. Para ele o jornalista era a maneira moderna de ser pregador; como este tinha sido a maneira antiga de ser jornalista<sup>2</sup>. Bruno teria sido, *avant la lettre*, o que hoje se chama de *opinion maker*. É nesse sentido que se deve entender a sua intervenção pública pela via da escrita. Aliás, o termo publicista significa - recorrendo ao dicionário de Moraes - o escritor público ou homem de letras que, através de jornais e revistas, escrevia sobre política, economia social, direito público, etc.

2. No entanto, na escrita de Sampaio Bruno, de uma maneira geral, encontramos preocupações de índole filosófica. Mesmo no tratamento de temas, à primeira vista tidos por menores, esse pano de fundo está lá. Tendo em mente toda a obra do nosso pensador, dois temas-problemas emergem rapidamente: o problema do mal e a prospectiva.

Quanto à prospectiva, que segundo o étimo latino significa «que faz ver longe ou adiante», refere Manuel Antunes que «não podendo ser considerada ciência autónoma, a prospectiva faz apelo a várias ciências na sua perspectiva própria de "futuro", encarando os múltiplos aspectos de actividade da sociedade humana já estudados por disciplinas bem definidas»<sup>3</sup>. Contrariamente às previsões, ditas exactas, das ciências experimentais, pela prospectiva o homem busca, nas explicações propostas, algum conforto e sentido para a vida.

Nesse horizonte, em posição diferente da de alguns estudos sobre Bruno, embora admitindo que a sua filosofia parta de situações particulares, isto é, seja um pensamento inicialmente situado, o seu alcance é bem mais vasto<sup>4</sup>. Ainda que se ocupe do messianismo nacional, o seu horizonte não é restritivo, pois ao longo dos seus escritos, nomeadamente nas

---

<sup>2</sup> Cf. Bruno, *Portuenses Ilustres*, vol. II, Magalhães & Moniz, Porto, 1907, p. 333.

<sup>3</sup> Manuel Antunes, «Prospectiva», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Verbo, Lisboa, 1992, cl. 461.

<sup>4</sup> Cf., nesta mesma linha de pensamento, Joel Serrão, *Sampaio Bruno. O homem e o pensamento*, 2ª ed. refundida, Livros Horizonte, Lisboa, 1986, pp. 112 e ss.

*Notas do Exílio*, esclarece que «Só no Sinai os judeus se imaginaram privilegiados; mas o verbo incarnou na humanidade inteira; o logos explica-se em todos os idiomas; e a graça é chuva de bênção que molha todos os homens»<sup>5</sup>. Mesmo quando dá a uma das suas obras fundamentais o título de *O Encoberto* (1904), no epílogo do livro aparece o esclarecimento da cifra: «O herói não é um príncipe predestinado. Não é mesmo um povo. É o Homem»<sup>6</sup>. Para ele, a questão não era de homens, mas de ideias, como várias vezes vai anotando e deixara estampado num dos seus últimos volumes, em 1908: «O Messias não apareceu até hoje em dia, suponho eu. E comigo alguns incorrigíveis cépticos que ao messianismo continuam a preferir o racionalismo, ao herói a ideia, e à veneração pelos homens o culto dos princípios»<sup>7</sup>.

A par das reflexões sobre o homem, também o universo e Deus estão no cerne do seu pensamento. Temas como a origem e a essência de tudo, a condição e o destino do homem, o problema do mal, o universo e a sua evolução, e a existência de Deus, são nevrálgicos na sua filosofia. Mas é na positividade do mal que vemos o seu ponto de apoio e de partida, para outras reflexões. Depois de aturadas meditações, onde integra o aparecimento do mal no seu esquema ideativo da evolução do homogéneo inicial para o homogéneo final, passando pelo heterogéneo, Bruno estanca no mistério. Apesar de tudo, a positividade do mal é indesmentível. Só uma "solução" se lhe apresenta: lutar contra ele.

3. Igualmente, outros autores portuenses, como por exemplo Basílio Teles, se debruçaram sobre o tema do mal e do sofrimento. Basílio Teles estava confiante que a ciência viria resolver todos os problemas. E a ciência, de facto, tem contribuído consideravelmente para a diminuição da dor. Mas o sofrimento continua. Sobretudo ao longo do século 20, caminhou-se muito na construção da sociedade da expectativa. Se a expectativa primeira era a do pão e se essa se resolveu em cerca de um terço da humanidade, logo apareceram outras como as da habitação, da saúde, do ensino, dos electrodomésticos, do automóvel, e por aí fora. A expectativa parece ser uma das marcas da globalização. E se tal é revelador da capacidade e anseio do homem pela mudança, nem por isso o sofrimento encurtou.

Sampaio Bruno, contrariamente a Basílio Teles, entendeu não só a idiosincrasia nacional, mas muito mais, soube perscrutar a natureza humana. Para ele, o sentimento religioso era

---

<sup>5</sup> Bruno, *Notas do Exílio, 1891-1893*, Chardron, Porto, 1893, pp. 104-105.

<sup>6</sup> *Id.*, *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904, p. 378.

<sup>7</sup> *Id.*, *Portuenses Ilustres*, vol. III, Magalhães & Moniz, Porto, 1908, p. 153.

algo natural, necessário perante a precaridade da vida humana. Por seu lado, Basílio Teles, perante a incompreensibilidade do mal e, aqui, dominado pelas grelhas positivistas, desiste de indagar o problema ou mistério. Afinal, para Teles, o homem andava enganado. A religião não era o amortecedor certo para o sofrimento. A ciência, a partir desta etapa da história, viria definitivamente tomar o lugar da religião.

Perante a realidade positiva do mal, Sampaio Bruno, tomando o exemplo de algumas boas práticas de Cavaleiros do Amor ou do Bem - e sempre na sua missão de publicista - elegeu alguns exemplos elucidativos da luta travada, ou a travar, contra o mal. Entre eles estão a Inquisição, a pena de morte, as agressões físicas, as touradas, as injustiças (configuradas na história pessoal de seu pai).

Em posição algo diferente da de Leonardo Coimbra, no entendimento do qual há lugar a um caminhar paciente para uma sociedade ideal de mónadas livres, amorosas e fraternas<sup>8</sup>, em Sampaio Bruno a liberdade é negação do individualismo, ganhando relevo a responsabilidade do homem em redimir-se e fazer com que todo o universo se redima, pois «O fim do homem neste mundo é libertar-se a si, libertando os outros seres»<sup>9</sup>. O desfecho final será o regresso ao homogéneo. Tal como o mal aparece no momento da "queda", ou seja, no momento da passagem do homogéneo ao heterogéneo, o mal também só se extinguirá com o regresso ao homogéneo, e o homem retomará a felicidade, mas não no conceito individualista, pois o seu fim não é gozar ou fruir.

4. Entretanto, como referimos, o homem tem a responsabilidade de trabalhar para o encurtamento do mal. É nesse sentido, que a Inquisição - e o remanescente espírito inquisitorial - lhe aparece como a instituição que mais positivamente conformou o mal. A Inquisição, de facto, representou uma das muitas utopias que ao longo dos tempos quiseram construir uma sociedade perfeita (neste caso, banindo os não-santos). Bruno apelida mesmo a Inquisição de «besta-fera, o monstro horrendo do Santo Ofício [...]»<sup>10</sup>. Embora o

---

<sup>8</sup> Cf. Leonardo Coimbra, *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, Tavares Martins, Porto, 1958, p. 160.

<sup>9</sup> Bruno, *A Ideia de Deus*, Chardron, Porto, 1902, p. 468.

<sup>10</sup> *Id.*, *Os Cavaleiros do Amor. Plano de um Livro a Fazer. Dispersos e Inéditos*, Compilação de José Pereira de Sampaio e Introdução de Joel Serrão, Guimarães Editores, Lisboa, 1960, p. 143.

Com a sua pitada de humor, diz Sampaio Bruno que o único aspecto positivo daquela instituição foi o ter acabado com as bruxas.

preocupassem as torturas físicas, o pior estava na prática inquisitorial sobre as consciências, como deixa espelhado a propósito de uma descrição de um auto-de-fé: «tudo isto - anota ele - é contemplado pelo povo, de ambos os sexos e de todas as idades, com tais e tantos transportes de júbilo e satisfação quais entre esta gente nenhum outro regozijo assim se lhe topa»<sup>11</sup>. Como também encontrava nas motivações da Inquisição mais a «limpeza do sangue» do que a presença da «pureza da fé». Dimensão que distinguia as Inquisições. Enquanto, segundo ele, a italiana era «exclusivamente *religiosa*», a ibérica era «concomitantemente *religiosa e étnica*»<sup>12</sup>. Embora, no caso português, com uma única religião oficial, houvesse cambiantes, radicados em aspectos de ordem antropológica e étnica: pois, «em Portugal, diz Bruno, a Inquisição não avança, como tribunal assente, de Coimbra para cima; e o Norte é-lhe nativamente hostil»; ou seja, continua ele, «o que era uma festa domingueira no Sul fôra o relâmpago de um horror indizível, no Norte»<sup>13</sup>, que, como é sabido, só por uma vez relampejou no Porto, por ordem de um antigo bispo, Fr. Baltazar Limpo, que Bruno descreve como «um fanático adusto e cruel, de quem nos debuxara soberbo retrato Alexandre Herculano»<sup>14</sup>.

Uma questão pertinentíssima se deve colocar. E que Bruno também coloca. Por que foi o Tribunal do Santo Ofício um tribunal popular, simpático? Por que não enlouqueciam as pessoas ao pensar no horror que também lhes podia cair em cima?

A resposta de Sampaio Bruno é subtil: «É que não havia terror algum entre a mor parte da população, porque esse tribunal era um tribunal *de excepção*; aos cristãos-velhos causava tanto susto como poderia causar susto a um *yankee* um tribunal para regularizar a aplicação da lei de Lynch aos *negros*. O que aos cristãos-velhos, pelo contrário, causava horror é que alguém se lembrasse de acabar com o Santo Ofício [...]

Por isso, foram acerbamente odiados, em Portugal, como protectores dos judeus e inimigos da Inquisição, quem? Os jesuítas!»<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> *Id.*, *O Encoberto*, *op. cit.*, p. XIII. Veja-se sobre este tema, José Augusto Seabra, «A Inquisição e o Sebastianismo na visão de Sampaio Bruno», em *Nova Renascença*, Porto, 29(1988), pp. 9-13.

<sup>12</sup> *Id.*, *O Encoberto*, *op. cit.*, p. 232.

<sup>13</sup> *Id.*, *Ib.*, pp. 226-227.

<sup>14</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 235.

<sup>15</sup> *Id.*, *Ib.*, pp. 244-245.

Quando, no tempo de Marquês de Pombal, a Inquisição passou a ser um tribunal exclusivamente religioso - leia-se, para todos -, então começaram as primeiras reacções, seguidas do golpe final, dado pelos revolucionários de 1820.

Sampaio Bruno pensa que, sobretudo por circunstâncias exteriores<sup>16</sup>, a Inquisição não renascerá. Mesmo assim, o mal continua a laborar e, frequentemente, por acção do espírito inquisitorial. Nesse horizonte, inclui o uso da palmatória nas escolas - frequentemente denominada de «Santo lenho» - que, por esse país fora, transformara os estabelecimentos de ensino em verdadeiras casas de tormentos, indo as crianças para as aulas como condenados que marcham para o patíbulo. A disciplina dos alunos conquistava-se fazendo espirrar-lhes o sangue das mãos<sup>17</sup>. Era uma das abomináveis práticas para-inquisitoriais.

5. Outra dimensão prática/positiva do mal, encontra-a nas touradas. Apesar de proibidas pelo Papa Pio V, logo voltaram a ter permissão pelo seu sucessor, Gregório XIII, a pedido de Dom Sebastião. A tourada, para Bruno, é um prazer de divertimento à custa de um ser bruto. O que, permanece como uma nódoa na nossa cultura: «Ainda o homem busca o divertimento próprio no sofrimento alheio. Ainda encontra prazer em infligir a dor. Ainda se não envergonha de abusar da inteligência na tortura da estupidez. Ainda não reconhece a solidariedade da vida, e não reputa ímpio o escarnecer da inocência do animal. Essa ferocidade conservada nos costumes, é um estigma»<sup>18</sup>. Lutar para encurtar o mal neste domínio é uma das «ideias altas e generosas», lembra e incentiva ele.

6. Igualmente, contra a pena de morte, o nosso filósofo e publicista expressa, com traço indelével, a sua luta e oposição<sup>19</sup>. A acção literária de Victor Hugo fora fundamental na formação do sentimento da sua geração e «na leitura de suas constantes protestações contra

---

Charles Lynch (1736-1796), foi um patriota norte-americano. A «Lei de Lynch» teria a ver com a justiça sumária administrada pela multidão ou grupo de repressão receosos de que o poder legal fosse demasiado benigno com os delinquentes; vigorou nos Estados Unidos sobretudo nos séculos 18 e 19 - Cf. «Lynch, Charles», em *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*.

<sup>16</sup> Cf. *Id., Ib.*, pp. 321-322.

<sup>17</sup> Cf. *Id., Ib.*, pp. 307-308.

<sup>18</sup> *Id., Ib.*, p. 305.

<sup>19</sup> Cf. sobre este tema, José Augusto Seabra, «Aires de Gouveia, Sampaio Bruno e a abolição da pena de morte», em *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 20 de Setembro de 2000.

a pena de morte se fortalecia a instintiva repugnância de nós-outros para com práticas aflitivas e cruéis»<sup>20</sup>, recorda ele. A agonia lenta do *último dia de um condenado* causava-lhes arrepios. Das sensações aos princípios ia um passo. Dentre estes, o da dignidade humana é o valor seminal. Como deixara estampado na *Voz Pública*, a propósito da execussão de Leão Czolgosz, assassino do presidente americano Mac-Kinley, «a vida humana é inviolável e sagrada»<sup>21</sup>.

Daí o orgulho que sentia em que Portugal se encontrasse na senda do progresso moral, pela iniciativa, em 1867, da abolição da pena de morte. Satisfação tanto maior, embora simultaneamente dolorosa, quanto nesse aspecto estávamos à frente da dita civilizada França<sup>22</sup>. Depois, por que o grande Victor Hugo, em carta a Brito Aranha, emoldura mais esta dobragem dos navegadores intrépidos e que Bruno, com satisfação incontida, transcreve:

«A vossa nobre carta faz-me bater o coração. Eu sabia a grande nova; doce me é o por vosso intermédio receber-lhe o eco simpático. Não; não há povos pequenos. Há pequenos homens, ai de nós! E algumas vezes são esses os que conduzem os grandes povos. Os povos que têm déspotas assemelham-se a leões que tivessem açaimes. Eu amo e glorifico o vosso belo e querido Portugal. Ele é livre; portanto, é grande. Portugal acaba de abolir a pena de morte. Consumar esse progresso, é dar o grande passo da civilização. De hoje em diante, Portugal está à frente da Europa. Vós não haveis cessado de ser, vós-outros portugueses, navegadores intrépidos. Avante outrora no Oceano, hoje na verdade. Proclamar princípios é mais belo ainda do que descobrir mundos. Clamo: Glória a Portugal; e a vós-outro: em boa hora!»<sup>23</sup>.

Neste passo de gigante para o progresso moral, Sampaio Bruno rememora o relevante papel tido pelo deputado do círculo de Cedofeita, desta cidade do Porto, Aires de Gouveia. Desde 1863, este representante portuense nas Cortes, encetara intensa campanha a

---

<sup>20</sup> Bruno, *Portuenses Ilustres*, Tomo II, *op. cit.*, p. 316.

<sup>21</sup> *Id.*, «Barbarismos», em *A Voz Pública*, 31 de Outubro de 1901.

<sup>22</sup> Neste contexto, comenta: como a humanidade «tem sido cruel e preversa! Ainda mesmo nos grandes centros civilizados, conforme o exemplifica a própria França conservando até entrado o século XX a pena de morte...», *Id.*, *Portuenses Ilustres*, II, *op. cit.*, p. 314.

<sup>23</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 317.

favor desta causa, conforme excertos - que Bruno apresenta - das suas várias intervenções no Parlamento.

No entanto, na prática, as execuções já há longo tempo estavam afastadas, em Portugal, por duas ordens de razões. Primeiro, por que a opinião pública reagia energicamente contra isso; depois, porque tivéramos o bom senso de edificar a gare do caminho-de-ferro em cima do local onde se levantava a forca de Lisboa. Remata Bruno que, assim, se substituíra «à barbaria a civilização»<sup>24</sup>.

Com tudo isto, o nome de António Aires de Gouveia fica ligado «indissolúvelmente à abolição da pena de morte em Portugal, [e] um reflexo desta sua glória ilumina a terra em que ele nasceu»<sup>25</sup>.

Para Sampaio Bruno a pena de morte é «imoral, improfícua, injusta e perigosa»<sup>26</sup>. Se os escritos de Victor Hugo, conforme já referimos, contribuíram para a formação da sua consciência, também é, por si, posta em relevo a influência decisiva de C. Beccaria e da sua obra *Tratado dos Delitos e das Penas*<sup>27</sup>, dada à estampa em Milão, em 1764, defendendo princípios que renovaram e abrandaram o direito Penal.

**7.** Em conclusão, neste momento da história, nesta cidade do Porto, dita cabeça europeia da cultura, em que nós, europeus, procuramos construir uma União não sabemos bem de quê, nem com que laços nos ataremos, parece-nos que pensamentos humanistas, informados por valores como os defendidos por Sampaio Bruno, se podem eleger como epicentro iluminador da sociedade do devir e do porvir. Quando numa sociedade como a americana, dita defensora dos direitos humanos, a cada passo, se atenta contra o princípio da vida, na edificação da nova Europa não se deverá perder o traço humanista que, apesar de tudo, ainda vai subsistindo na idiossincrasia e no pensamento do velho continente.

---

<sup>24</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 319.

<sup>25</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 320.

<sup>26</sup> *Id.*, *Ib.*, p. 315.

<sup>27</sup> Sampaio Bruno considera esta obra como um «livrinho notabilíssimo e nobilíssimo», que «na literatura filosófica moderna [foi] o primeiro e mais terrível embate à legitimidade e procedência da pena de morte», em *A Revista*, Porto, a. 2, n° 5(1904), p. 65.



Ou seja, como diz o nosso filósofo d'A *Ideia de Deus*, «A dignidade do homem vale mais do que o mérito do sábio»<sup>28</sup>.

#### BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Manuel - «Prospectiva», em *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Verbo, Lisboa, 1992, cls. 461-463.
- BRUNO - *Notas do Exílio, 1891-1893*, Chardron, Porto, 1893.
  - «Barbarismos», em *A Voz Pública*, 31 de Outubro de 1901.
  - *A Ideia de Deus*, Chardron, Porto, 1902.
  - *O Encoberto*, Livraria Moreira, Porto, 1904.
  - «Silvestre Silvério da Silveira e Silva», em *A Revista*, Porto, a. 2, nº 5(1904).
  - *Portuenses Ilustres*, vols. II e III, Magalhães & Moniz, Porto, 1907, 1908.
  - *Os Cavaleiros do Amor. Plano de um Livro a Fazer. Dispersos e Inéditos*, Compilação de José Pereira de Sampaio e Introdução de Joel Serrão, Guimarães Editores, Lisboa, 1960. Edição refeita e aumentada: *Plano de um Livro a Fazer. Os Cavaleiros do Amor ou A Religião da Razão*, Organização, posfácio e notas de Joaquim Domingues, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1996.
- COIMBRA, Leonardo - *O Criacionismo (Síntese Filosófica)*, Tavares Martins, Porto, 1958.
- PEREIRA, José Esteves (Apresentação, tradução e notas) - «Kant e a "Resposta à Pergunta: o que são as Luzes"», em *Cultura. História e Filosofia*, Lisboa, vol. III (1984), pp. 153-168.
- SEABRA, José Augusto - «A Inquisição e o Sebastianismo na visão de Sampaio Bruno», em *Nova Renascença*, Porto, 29(1988), pp. 9-13.
- SEABRA, José Augusto - «Aires de Gouveia, Sampaio Bruno e a abolição da pena de morte», em *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 20 de Setembro de 2000.
- SERRÃO, Joel - *Sampaio Bruno. O homem e o pensamento*, 2ª ed. refundida, Livros Horizonte, Lisboa, 1986.

---

<sup>28</sup> *Id.*, *A Ideia de Deus*, *op. cit.*, p. 114. Recorde-se, a este propósito, a prática política dos «sábios» teólogos do Governo do Afeganistão, onde se inclui, entre outros de alcance semelhante, o Ministério para a Promoção da Virtude e Supressão do Vício.

